

A DESMATERIALIZAÇÃO DO IMPERIALISMO: O CONCEITO DE IMPÉRIO DE ANTONIO NEGRI

Bruno Leonardo Ramos Andreotti*

Este pequeno texto procura informar sobre o atual estágio da pesquisa sobre a concepção de política na obra de Antonio Negri, filósofo e cientista político italiano, um dos grandes nomes do pensamento socialista atual. Tendo como eixo central a concepção de política, encontrada em seu mais famoso livro, *Império*, escrito junto com Michael Hardt, estudioso da obra de Deleuze, a pesquisa busca desdobrar o conceito fazendo-o incidir sobre outros, elaborados por Negri, como, por exemplo, os de Multidão e Império, para melhor compreender as idéias desse pensador, que se propôs a analisar as mudanças, limites e possibilidades da política no mundo contemporâneo.

Muitos pensadores¹ atestam que, com o advento da globalização, a soberania nacional se encontra enfraquecida. De acordo com François Châtelet,² a idéia de um Estado-nação soberano é o que caracteriza toda a política moderna e contemporânea, a ponto de constituir-se como quadro obrigatório da existência social, realidade política por excelência.

Uma vez que a globalização neoliberal marca o enfraquecimento da soberania nacional, é correto dizer que a soberania enquanto tal se encontra igualmente enfraquecida? Ousemos fazer uma pergunta ainda mais profunda: se o Estado-nação soberano é a realidade política, o que acontece com a política nesse contexto? É como uma resposta a essas perguntas que o arsenal conceitual desenvolvido por Antonio Negri e Michael Hardt deve ser compreendido, ou seja, analisar as mudanças políticas do mundo contemporâneo. Mas a palavra política é uma palavra marcada por guerras longas demais e tradições interpretativas diferentes demais, portanto, antes de mais nada, deve-se tentar compreender o que Negri e Hardt entendem por *política*.

O percurso que se desenvolveu durante a pesquisa, e que pretende ser exposto ao longo deste pequeno texto, pode ser resumido nos seguintes pontos:

1. A política para Negri é resultado de um embate de forças;

2. Essas forças podem ser divididas em forças que querem dominar e forças que não querem ser dominadas;
3. A análise dessas forças em Negri é tanto molar quanto molecular. Para efetuar uma análise política que abranja essas duas dimensões, Negri fundiu sua herança marxista com o pós-estruturalismo francês;
4. Essas forças se configuram numa forma de soberania (forças que querem dominar) e numa forma de resistência (forças que não querem ser dominadas);
5. Negri denominou essas forças, respectivamente, de Império e Multidão;

Seguindo a linha do que Negri costuma chamar de *maquiavelismo republicano*, a política é o resultado de um embate entre forças, forças que querem dominar e forças que não querem ser dominadas. Todo poder é produto de uma determinada dinâmica social interna e imanente, é uma relação que se estabelece entre forças. Portanto, o poder, e aquilo com o que ele se confronta, o que está fora dele e não obstante em relação a ele, devem ser apreendidos de forma relacional. Em suma, a política trata de uma relação entre forças que querem dominar e forças que resistem. *Império* é um livro que expõe a genealogia dessas forças, ou seja, o modo como essas forças se configuram no mundo contemporâneo e como foi possível essa determinada configuração. *Império* apresenta tanto a configuração do poder e da soberania atual quanto as condições e possibilidades de luta e resistência contra esse poder, bem como as diferenças entre os modelos de poder e resistência anteriores. É dentro dessa concepção de política que os conceitos de Império e Multidão são formulados, respectivamente, o atual paradigma de poder e soberania e o sujeito que pode resistir a esse poder. Começamos, então, entendendo as mudanças de configuração da soberania moderna para a pós-moderna ou, em outras palavras, a genealogia do Império.

A principal diferença entre a concepção européia ou moderna de soberania, que legitima o imperialismo, e a concepção americana ou pós-moderna que legitima o Império, recai no problema da transcendência/imanência do poder político. Em oposição ao conceito europeu, que consigna o poder político a um reino transcendente, e com isso aliena as fontes de poder da sociedade, no conceito americano o poder político está inteiramente dentro da sociedade, a política não se opõe à sociedade, mas a integra e completa. Por isso, os conflitos não podem ser resolvidos por um poder acima das pessoas que o constituem, como o Leviatã, de Hobbes, o que gera uma tendência à expansão: os conflitos devem ser administrados de alguma forma, e por isso são alocados num espaço “para fora” que é incorporado posteriormente. Quando se expande, essa nova soberania não anexa ou destrói os poderes que encontra, como o imperialismo, mas volta-se para tais poderes, incluindo-os em sua rede. O espaço da modernidade era estriado e dialético, cindido em interior e exterior, isso definia o conflito da soberania moderna como uma crise, um conflito entre as

forças imanentes (a multidão) e transcendentas (a soberania do Estado-nação). No entanto, no Império, esse conflito central se torna microconflito e a crise se torna oni-crise, ou corrupção. Corrupção é aqui vista como um processo reverso da geração e composição, momento de metamorfose que potencialmente liberta espaços para mudanças, mas ao mesmo tempo pode ser o momento de quando o comando age para obstruir toda a expansividade e a intensidade da multidão, a destruição de sua singularidade através de sua unificação coercitiva e/ou sua segmentação cruel.³ Império é caracterizado pela fluidez de forma, um ir e vir de formação e deformação, geração e degeneração. É assim que a soberania imperial funciona, esta é sua própria essência. A multidão forma e gera, o Império deforma e degenera.⁴ É nesse jogo, que, como apontamos, não é dialético, que o não-lugar da soberania imperial se encontra. E é chamado de não-lugar precisamente porque se encontra em todos os lugares,⁵ pois, no Império, nenhuma subjetividade está do lado de fora, e todos os lugares já foram agrupados nesse não-lugar geral.⁶ O Império pode ser definido como um aparelho de descentralização e desterritorialização do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão,⁷ a soberania imperial funciona em três momentos distintos: um inclusivo, um diferencial e um terceiro, gerencial. Num primeiro momento todos são admitidos dentro do Império, num segundo momento as diferenças preexistentes são organizadas dentro do Império, e, num terceiro momento, hierarquizadas. É através, mas não somente, de um processo de estriamento que a soberania imperial funciona.

Para Marx, e esse era o ponto que mais interessava a Deleuze em Marx, o capital opera reconfigurando fronteiras entre exterior e interior. O capital não pode funcionar dentro dos limites de um território e população fixa, possui uma tendência a expandir-se, um sistema imanente que não pode parar de se expandir, o limite do capitalismo é o próprio capital. Lembremos também que o Estado, para Marx, pode ser entendido como a diretoria executiva que administra os interesses capitalistas, portanto, o Estado está a serviço do capitalismo. *Império* é a forma de soberania que se configura na realização universal do mercado. Quando não há mais um lado de fora, o poder se torna um regime geral de dominação da vida, e, quando o poder envolve a vida, a vida também envolve o poder, ou seja, a vida se torna, além de alvo do poder, campo de resistência ao poder. É nesse sentido que a política se tornou *biopolítica*. É por isso que a mudança da modernidade para a pós-modernidade acarreta outras necessidades teóricas, isto é, novos conceitos para entender um novo engendramento de forças.

A principal contribuição de Negri é fundir duas tradições intelectuais para pensar a política: o marxismo, que analisa a política e a economia somente do ponto de vista molar, e o pós-estruturalismo francês, que privilegia a análise molecular da política. A diferença

entre molar e molecular não se refere somente às dimensões (micro e macro), nem tampouco ao par individual/coletivo, mas diferem principalmente quanto à velocidade. O molar se refere a amplos agregados e grupos estáticos, conjuntos coesos e unitários, o molecular remete a micromultiplicidades, singularidades.⁸ A política, ou biopolítica, para Negri, é pensada levando em conta essas duas dimensões, que no Império se encontram fundidas do plano biopolítico. Nesse ponto também podemos ver o motivo da convergência de dois paradigmas analíticos tão distintos, o marxismo e o pós-estruturalismo francês.

Negri vem de uma corrente do marxismo italiano chamada de *operaísmo*, cuja principal tese é a de que, *grosso modo*, a forma de luta contra o capital é determinada em intrínseca relação com o capital, sendo o desenvolvimento capitalista estabelecido numa dialética fechada que culmina com o capital como síntese.⁹ Para fugir dessa perspectiva um tanto sombria, Negri aposta num desenvolvimento das lutas contra o capitalismo de forma absoluta, um movimento de pura afirmação que possa destruir o estado presente das coisas sem que essa destruição seja por ele determinado.

Deleuze, notório pensador pós-estruturalista francês, possui um projeto similar em sua filosofia, no que nos toca, uma concepção não-dialética da negação e uma teoria constitutiva da prática. A negação em Deleuze é absoluta, não no sentido em que tudo é negado, mas aquilo que é negado o é totalmente. Negri vai encontrar nessa concepção da negação um local propício para sua filosofia política. Deleuze deriva de Espinoza, pensador conhecido de Negri, uma teoria constitutiva e ética da prática, situando-o numa tradição materialista do pensamento. É nessa concepção da negação e na constituição ética da prática que o marxismo de Negri encontra o pós-estruturalismo francês, e, entre Negri e Deleuze, o que está por trás é Espinosa.¹⁰

Para Negri, há uma profunda homologia entre o conceito de soberania e o conceito de capital, mas essa homologia é histórica, só se torna completa no contexto biopolítico pós-moderno, quando a sociedade é subsumida no capital, isto é, quando as relações de soberania e de capital se tornam passíveis de sobreposição e a exploração se desloca diretamente para o social.¹¹ É também isso que significa dizer que a luta agora se dá no terreno biopolítico: a vida se tornou alvo de exploração e o Império é a forma de soberania que *gere* essa exploração, mas a multidão *gera* o poder da vida. Ou seja, o poder do Império é apenas *organizativo*, enquanto o poder da multidão é *constituinte*.¹² O conceito de poder constituinte como atributo da multidão é fundamental para entendermos o raciocínio de Negri, que o define como a fonte onipotente e expansiva que produz as normas constitucionais de todos os ordenamentos jurídicos, mas também é sujeito dessa produção, uma atividade

igualmente onipotente e expansiva, assim sendo, o poder constituinte é uma base que não tem finalidade, pluralidade multidirecional de tempos e espaços, um procedimento absoluto que remete a um governo democrático, em tudo oposto à soberania.¹³

Dissemos anteriormente que a análise de Negri incide tanto no plano molar quanto no molecular. Se isso é verdade, os conceitos de Império e Multidão possuem duas faces, pois ambos possuem mecanismos de formação análogos, não obstante sejam absolutamente diferentes e em oposição.¹⁴ Império e multidão se enfrentam no terreno biopolítico, e, se pudéssemos dividir o biopolítico entre molar e molecular, diríamos que a soberania imperial enfrenta o poder constituinte da multidão no plano molar, enquanto que as singularidades da multidão enfrentam as práticas de poder do Império, os *controlatos*, no plano molecular. Ou, de outra forma, o Império organiza o poder constituinte da multidão em poder constituído, uma forma de soberania que acaba com toda sua potência, no plano molar, enquanto que os controlatos organizam as singularidades da multidão, no plano molecular, base da exploração no pós-moderno.

Há dois momentos decisivos no biopolítico, um momento de geração de biopotência, que vai das singularidades à constituição do comum, produção de um circuito de constituição de subjetividade através do trabalho imaterial, que é quando o poder constituinte irrompe, mas também um segundo momento, de vampirização dessa biopotência pelo Império, momento em que o poder constituinte é *corrompido* pelo Império. Vemos que a geração da biopotência passa necessariamente pelo trabalho e é precisamente nesse ponto que Negri, seguindo Marx, pensa o trabalho como fundamento ontológico do homem e como atividade específica reconhecida socialmente como produtora de valor, portanto, o que se reconhece como trabalho varia historicamente. A forma privilegiada do trabalho no atual contexto histórico seria o trabalho imaterial, que é o trabalho que está envolvido numa produção informatizada e que incorporou as novas tecnologias de comunicação, inclui tarefas analíticas e simbólicas, produção de afetos e contato humano. Aqui, a cooperação necessária para realizar esse tipo de trabalho não é organizada de fora, como em outros tipos de trabalho explorado pelas relações capitalistas de produção, mas é imanente à atividade laboral, daí sua potência.¹⁵

Não podemos mais pensar proletariado apenas como classe operária industrial, isso só acontecia na época moderna, argumenta Negri. Hoje, no pós-moderno, no Império, a configuração do proletariado deve ser alargada, como uma vasta categoria que inclui todo trabalhador cujo trabalho é direta ou indiretamente explorado por normas capitalistas de produção e reprodução, e a elas subjugado. Todas as formas de trabalho são, de certo

mudo, sujeitas à disciplina capitalista e às relações capitalistas de produção. O fato de estar dentro do capital e o sustentar é o que define proletariado como classe. Isto é a Multidão, e como ela age no Império.

Segundo Negri, Marx elaborou uma teoria do poder constituinte que identifica no proletariado seu sujeito histórico, mas tal teoria já teria atingido seu limite histórico. Negri recusa em ver o proletariado, tal como o concebeu Marx e a tradição marxista, isto é, como classe operária industrial, mas segue com a idéia, que segundo Negri estaria presente em Marx, de propor o poder constituinte como dispositivo genealógico geral das determinações sociopolíticas da História.¹⁶ Negri tenta encontrar no mundo contemporâneo o sujeito adequado ao poder constituinte, é por isso que propõe esse alargamento do conceito de proletariado para o conceito de multidão.

Para Negri, o problema da decisão na política é simplesmente o evento subjetivo da multidão, e esse evento é a decisão da multidão sobre si mesma, domínio da multidão sobre si mesma.¹⁷ Não poderia ser diferente: se a construção da multidão passa por um processo que se dá no biopolítico, indo da singularidade, seu elemento mais básico, molecular, até o poder constituinte, seu atributo mais potente, molar, a decisão é simplesmente o ato de exercer o poder constituinte e destruir a relação de soberania com o Império, interromper a vampirização de biopotência exercida pelo Império, controlar e comandar a produção feita pelo trabalho imaterial, em suma, fazer-se auto governo, a democracia absoluta.

Recebido em março/2005; aprovado em maio/2005

Notas

* Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

¹ Ver por exemplo BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução de Marcos Pachel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999; SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro, Record, 2001; e FORRESTER, V. *O horror econômico*. Tradução de Alvaro Lorencini. São Paulo, Unesp, 1997.

² CHÂTELET, F. *História das Idéias Políticas*. Tradução de Carlons Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985. p. 85.

³ NEGRI, A. e HARDT, M. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro, Record, 2001. p. 414.

⁴ Op. cit., pp. 220-222.

⁵ Op. cit., p. 230

⁶ Op. cit., p. 375.

⁷ Op. cit., p. 12.

⁸ Essa diferenciação está em DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Vol. 3. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo, Editora 34, 1999, pp. 95-97, da qual Negri se apropria, ver NEGRI, A. *Kairós, Alma Venus, Multidão*. Tradução de Orlando dos Reis e Marcello Lino. Rio de Janeiro, DP&A, 2003, p. 75.

⁹ Ver a excelente introdução ao trabalho de Negri feita por Matteo Mandarinini em NEGRI, A. *Time for Revolution*. Tradução de Matteo Mandarinini. New York, Continuum, 2003, p. 266.

¹⁰ Sobre o projeto filosófico de Deleuze e as influências de Espinosa sobre ele, ver HARDT, M. *Gilles Deleuze: um aprendizado em Filosofia*. Tradução de Sueli Cavendish. São Paulo, Editora 34, 1996. Sobre a concepção de Negri sobre Espinosa, ver NEGRI, A. *A anomalia selvagem – poder e potência em Spinoza*. Tradução de Raquel Ramelhete. São Paulo, Editora 34, 1993.

¹¹ NEGRI, A. e HARDT, op. cit., p. 69.

¹² PELBART, P. P. *Vida Capital*. São Paulo, Iluminuras, 2003, p. 84.

¹³ NEGRI, A. *O Poder Constituinte*. Tradução de Adriano Pilatti. Rio de Janeiro, DP&A, 2002, pp.7-25.

¹⁴ NEGRI, A. *Cinco lições sobre Império*. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. p.153.

¹⁵ Ver em NEGRI e HARDT, op. cit., pp. 310-315.

¹⁶ NEGRI, *O Poder ...*, p. 54.

¹⁷ NEGRI, *Kairós, Alma Venus ...*, p. 226.